



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/index>

ISSN: 2359-1870


A GEOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL CATARINENSE: OBSERVAÇÕES SOBRE O TRABALHO DO PROFESSOR

Karina Martins da Cruz¹

Isa de Oliveira Rocha²


Karina Martins da Cruz

Universidade do Estado de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil
<karina.cruz@edu.udesc.br>

 <https://orcid.org/0000-0002-7519-1484>

Isa de Oliveira Rocha

Universidade do Estado de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil
<isa.rocha@udesc.br>

 <https://orcid.org/0000-0001-9840-0595>

Resumo

Este artigo relaciona a teoria com a prática do professor na Geografia escolar no Ensino Fundamental II em uma escola pública estadual, localizada em Santo Amaro da Imperatriz, na Região Metropolitana da Grande Florianópolis. Entre os meses de março a agosto de 2018, foram realizadas observações presenciais e o estágio de ensino. O artigo pretende subsidiar a percepção sobre as condições de trabalho do professor, algumas proposições didático-pedagógicas e de que maneira os alunos se apropriam dos conteúdos de geografia. A pesquisa é de caráter qualitativo, através do levantamento das bases bibliográficas e do registro de acontecimentos presenciados no ambiente escolar em estudo. Entende-se a importância da inclusão de objetos de aprendizagem (artesanais ou digitais) nos planos de aula de geografia, constatando pouco apoio metodológico na “Salaweb” por parte da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED/SC).

Palavras-chave: Geografia escolar. Escola pública estadual. Santo Amaro da Imperatriz. Sala de aula. Plano de aula.

Recebido em: 05/06/2020

Aprovado em: 27/10/2020

¹ Doutoranda em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Mestre e Licenciada em Geografia.

² Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), professora associada do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (PPGPLAN) e coordenadora do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LABPLAN) do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

GEOGRAFÍA ESCOLAR EN EDUCACIÓN FUNDAMENTAL EN UNA ESCUELA PÚBLICA DEL ESTADO DE SANTA CATARINA (BRASIL): OBSERVACIONES SOBRE EL TRABAJO DEL PROFESOR

Resumen

Este artículo relaciona la teoría con la práctica del maestro en geografía escolar en la Escuela Primaria II en una escuela pública estatal, ubicada en Santo Amaro da Imperatriz, en la Región Metropolitana del Gran Florianópolis (Sur de Brasil). Entre marzo y agosto de 2018, se realizaron observaciones cara a cara y la práctica docente. El artículo pretende subsidiar la percepción sobre las condiciones de trabajo del profesor, algunas propuestas didáctico-pedagógicas y la forma en que los estudiantes se apropian de los contenidos de la geografía. La investigación es de carácter cualitativo, a través de la encuesta de las bases bibliográficas y el registro de eventos presenciados en el entorno escolar en estudio. Se comprende la importancia de incluir objetos de aprendizaje (hechos a mano o digitales) en los planes de lecciones de geografía, con poco apoyo metodológico en la "Salaweb" por el Departamento de Educación del Estado de Santa Catarina (SED / SC).

Palabras clave: Geografía escolar. Escuela pública. Santo Amaro da Imperatriz. Clase de la escuela. Plan de clase.

SCHOOL GEOGRAPHY IN FUNDAMENTAL EDUCATION IN A PUBLIC SCHOOL IN SANTA CATARINA STATE (BRASIL): OBSERVATIONS ON THE WORK OF THE TEACHER

Abstract

This article relates the theory to the practice of the teacher in school Geography in Elementary School II in a state public school, located in Santo Amaro da Imperatriz, in the Metropolitan Region of Greater Florianópolis (South of Brazil). Between March and August 2018, face-to-face observations and the teaching internship were carried out. The article intends to subsidize the perception about the work conditions of the teacher, some didactic-pedagogical propositions and the way in which students appropriate the contents of geography. The research is of a qualitative character, through the survey of the bibliographic bases and the record of events witnessed in the school environment under study. The importance of including learning objects (handmade or digital) in the geography lesson plans is understood, with little methodological support in the "Salaweb" by the Santa Catarina State Department of Education (SED / SC).

Keywords: School Geography. State public school. Santo Amaro da Imperatriz. Classroom. Class plan.

Introdução

A observação do cotidiano escolar, especialmente do ensino de Geografia no ensino fundamental em uma escola pública estadual, caracteriza-se por uma reflexão dos aspectos teórico-práticos do processo de ensino-aprendizagem, mas, também pela possibilidade de ações propositivas diante dos desafios colocados pela docência. A teoria serve de base às condições de formação e atuação do professor, para que exerça a função de maneira crítica e contextualizada. A prática do professor é acompanhada do processo de reflexão sobre a sua própria ação didática.

Segundo Stefanello (2012), o planejamento é um trabalho estratégico e que deve ser autônomo, norteando todo o trabalho escolar, propondo a construção de uma sociedade melhor com pessoas pensando criticamente sobre ela própria. O plano de ensino é um espaço de registro mais abrangente sobre a disciplina e que identifica a sua contribuição social, cultural, afetiva, ambiental e política aos alunos. O plano de aula é mais específico, categorizando como será a consecução das aulas, organizando, de forma sistematizada, como serão alcançados os objetivos didáticos.

Nesse sentido, deve haver um envolvimento do aluno de Geografia nos conteúdos de modo a explorar a cognição, tendo em vista as dimensões abstratas demandadas pela disciplina (imagens, mapas, vídeos, globo terrestre, desenhos, etc), proporcionando o pensamento reflexivo a partir das práticas em sala de aula. A sequência didática (começo, meio e fim de cada aula) é menos tediosa ao proporcionar outros recursos além do livro didático. É preciso selecionar o que é prioritário aos alunos na construção do planejamento, pensando em estratégias para despertar o interesse por parte dos mesmos. Uma aula conteudista com o professor enquanto o único sujeito do saber pode levar ao erro metodológico de apenas “passar informações” de uma Geografia dicotomizada (humana e física), como Pereira (1999) explica:

Esta geografia, que derrama sobre o aluno um amontoado de informações atomizadas sobre o mundo físico e que apresenta o homem como apenas mais um elemento componente deste mundo, traduz uma verdade sobre o espaço geográfico que ignora a intervenção humana sobre ele. Sua desvalorização não se dá somente pela via institucional, decorrente de medidas tais como a diminuição da carga didática semanal ou a implantação dos estudos sociais, fundindo os conteúdos de história e geografia. A própria insuficiência cognitiva da geografia dominante nas escolas se encarrega de reduzir sua importância, em função do seu comprometimento prioritário com a simples observação e catalogação de informações. Para aprender uma disciplina baseada em dados tão estanques e sem sentido que se chocam inclusive com a própria percepção concreta que o aluno possui acerca do espaço, basta ter uma boa memória (PEREIRA, 1999, p. 35).

O plano de aula precisa sempre ir se “redirecionando” e sendo “replanejado”, quer dizer, passando a ser visto, revisto, refletido e melhor aplicado, permanentemente, já que depende da disponibilidade de tempo, recursos e espaço na efetivação dos conteúdos em sala

de aula. Para tanto, o aluno precisa ser entusiasmado pelas aulas e convidado ao pensamento reflexivo a partir da problematização dos conteúdos (STEFANELLO, 2012).

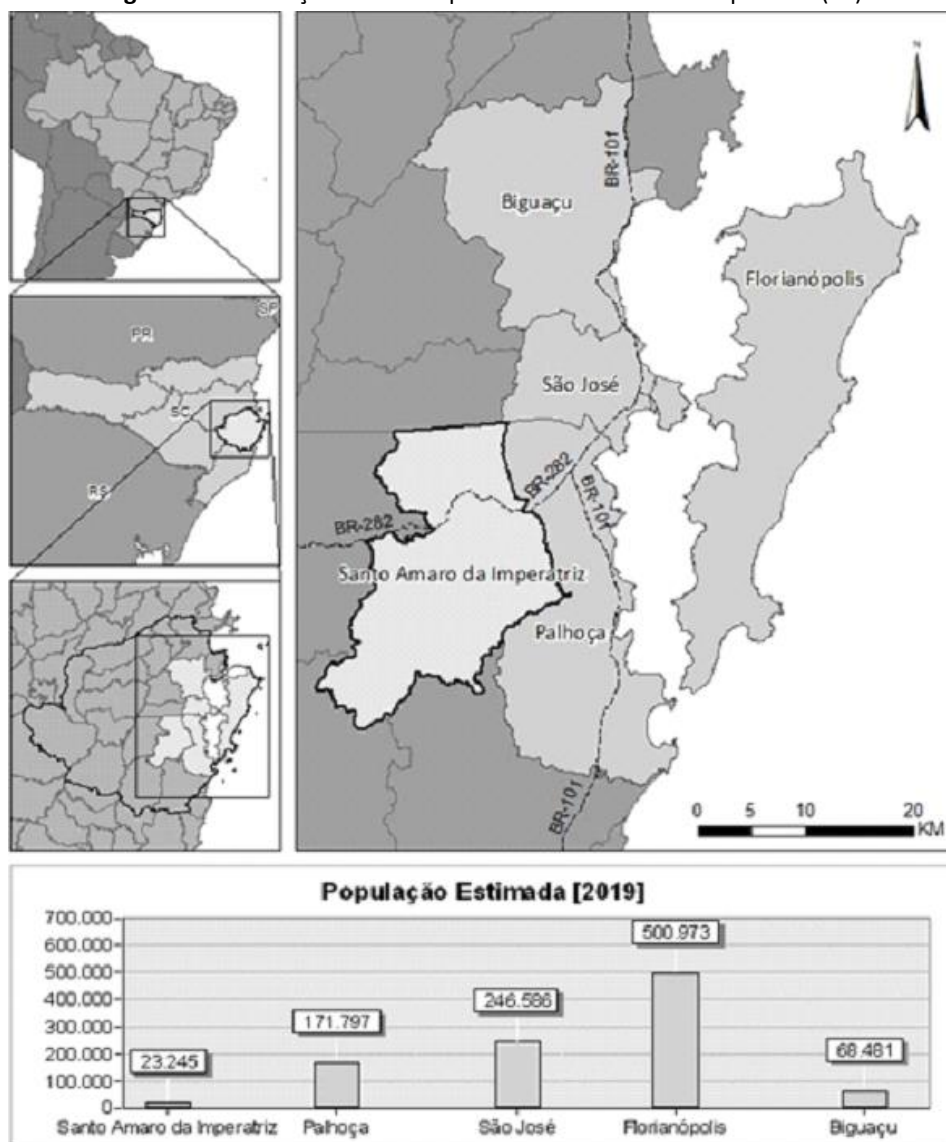
Entre os meses de março a agosto de 2018, foram realizadas observações presenciais e o estágio de ensino, acompanhando as aulas da disciplina de Geografia em uma escola pública estadual situada em uma comunidade que convive com as atividades rurais na periferia da Região Metropolitana da Grande Florianópolis. Este artigo pretende subsidiar a percepção e a análise sobre as condições de trabalho do professor, considerando algumas proposições didático-pedagógicas à forma como os alunos se apropriam dos conteúdos de Geografia no ensino fundamental II. A pesquisa é de caráter qualitativo, viabilizada através do levantamento das bases bibliográficas e do registro de acontecimentos presenciados no ambiente escolar em estudo.

1 Ambiente escolar

A escola estadual, lócus desta reflexão, está situada no município de Santo Amaro da Imperatriz (população estimada de 23.245 habitantes, segundo IBGE - 2019), partícipe do Aglomerado Urbano de Florianópolis (Figura 1) em razão da contiguidade com o município de Palhoça, através da rodovia BR-282. Apesar de aproximadamente 75% da população ser urbana (IBGE, 2010), as atividades agropecuárias correspondem a uma parte significativa da economia e são predominantes na paisagem, definindo um modo de vida mais interiorano aos municípios.

As notícias e novidades nos bairros são espalhadas rapidamente, através de grupos de redes sociais. Os principais eventos de convívio social são relacionados às festas de igreja, aos jogos de futebol de várzea e aos bailes de músicas gaúchas. As crianças e adolescentes costumam realizar atividades de lazer ao ar livre (andar de bicicleta, ir até a Praça da Avenida Beira Rio, caminhar até a casa de colegas, ir até a pista de skate ou ao parque aquático, entre outras), mas, na maior parte do tempo, estão acompanhando canais de youtubers, jogando games online ou assistindo séries na TV. O município dispõe de uma biblioteca pública municipal e uma sociedade musical e cultural filantrópica, com aulas de música gratuitas a partir dos oito anos de idade. É frequente o convívio das crianças e adolescentes com as práticas dos adultos, como a caça (ilegal) aos animais silvestres, o uso da queimada para “limpar o terreno”, e o hábito de percorrer trilhas de moto ou bicicleta nos limites com o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. A maior parte das crianças possui admiração pelos trabalhos de conscientização exercidos pela Polícia Ambiental e em relação ao Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), ambos da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC).

Figura 1 - Localização do município de Santo Amaro da Imperatriz (SC)



Fonte: Vetorial: IBGE – Dados Populacionais IBGE Cidades (2019). Elaboração: João Daniel Barbosa Martins, 2019

A escola conseguiu organizar a sua estrutura com adequação aos espaços para as aulas, dotadas as disciplinas de salas temáticas. Dispõe de um pátio interno coberto para refeições e eventos, além da quadra poliesportiva nos fundos da escola. A cada intervalo, os alunos dispõem de cinco minutos para chegar até a sala da próxima disciplina. A sala de Geografia é compartilhada com a disciplina de Sociologia, equipada com condicionador de ar, cortinas, iluminação, mesas e cadeiras em bom estado. Os livros didáticos são guardados nos armários, os mapas ficam enrolados e dispostos num canto da sala; o globo terrestre repousa em cima de um armário; o quadro branco com canetões é menor e sobreposto a um antigo quadro negro inutilizado. Os trabalhos dos alunos realizados em cartazes são expostos no pátio interno da escola.

A Associação de Pais e Professores (APP) é bastante atuante, organizando na medida do possível a compra de insumos e equipamentos para a escola. Há a preocupação com a

segurança, existindo monitoramento por câmeras e portão com acionamento para abrir e fechar na secretaria. A sala dos professores apresenta apenas um computador com monitor e entrada USB antigos. A rede wi-fi é precária, dificultando o funcionamento dos datashows nas salas de aula. Os professores realizam as chamadas dos alunos pelos celulares pessoais (através do próprio pacote de dados), acessando o “Professor On Line” no portal da Secretaria de Estado da Educação (SED/SC). A biblioteca da escola é vasta de livros para professores e alunos, porém não catalogados. O laboratório de informática é utilizado como depósito de materiais escolares, pois os professores especializados nas “salas de tecnologia” não foram mais contratados em caráter temporário a partir de 2016-2017. Apenas um aluno que é estagiário na secretaria, por meio período, auxilia toda a escola na utilização de equipamentos de informática.

O ambiente escolar é receptivo, os profissionais na secretaria e direção são atenciosos. Os professores buscam ser colaborativos entre si, trocando informações na sala dos professores sobre o dia-a-dia do trabalho na área da educação e refletindo algumas questões psicossociais envolvendo os alunos. Foi possível estabelecer diálogos e trocas com os professores. A atenção da professora de Geografia tornou-se fundamental para entender a dinâmica da escola, assim possibilitando a realização de anotações de forma espontânea dentro da sala de aula e na sala dos professores.

2 Percepções sobre as aulas de Geografia

Através do acompanhamento de 12 aulas de Geografia no Ensino Fundamental, presenciando o andamento das aulas e a didática ao tratar das turmas do 6º ao 9º ano, é possível concluir que cada turma responde de determinada maneira levando em conta a idade dos alunos e os procedimentos metodológicos empregados nas aulas. Portanto, torna-se importante o conhecimento sobre os graus de amadurecimento das idades para adequar as formas de ensinar para uma melhor participação dos alunos. Por exemplo, os alunos do 6º ano são inquietos e gostam de realizar atividades, como desenho, recortes de gravuras, responder oralmente às questões e assistir vídeos, mais do que as turmas do 8º e 9º ano. As turmas do 6º e 7º ano precisam de atividades coletivas, que muitas vezes possuem interdisciplinaridade com os conteúdos de biologia, história ou matemática.

Define-se a sistematização na prática pedagógica, pois as aulas são dialogadas (explicações da professora) durante a correção das atividades, o que nas turmas mais avançadas facilita o debate partindo dos alunos. A cada aula, é realizada alguma atividade: questões do livro didático para responderem no caderno, desenhos, interpretação de textos ou recortes de gravuras. Os alunos apresentam as atividades ao terminarem, individualmente, dirigindo-se à professora para que ela confira e assine uma rubrica, ou seja, “dê o visto”.

É relevante dizer que os alunos não atendem celulares nas aulas e que em poucas situações a professora precisou mencionar que iria “anotar” o problema de comportamento de algum aluno ou a não realização de uma atividade. A experiência por parte da professora

caracterizou a didática. Quando um aluno expressava uma pergunta que tiraria a atenção da aula ou, a princípio, sem indagar algo “concreto”, a professora esperava um pouco para ocorrer uma síntese do aluno no questionamento, a fim de que o mesmo conseguisse fazer a pergunta sem ser reprimido ou interrompido.

É recorrente em todas as disciplinas, segundo Brabant (1989), que aconteça o “enciclopedismo” também na Geografia escolar devido à busca descritiva e abarrotada de detalhes físicos ou o aprofundamento em questões socioeconômicas e geopolíticas, pois desarticula os problemas físicos e humanos sem entender a totalidade dos fenômenos geográficos. Vale entender que as explicações da professora sobre os conteúdos conseguem ser ouvidas por até vinte minutos, pois os alunos acabam se distraíndo, rapidamente. Os alunos não levam tarefas e pesquisas para casa, ou mesmo relatam as suas vivências relacionadas ao conteúdo durante as aulas. Quer dizer, a aula em si fica centrada no livro didático e nas explicações da professora. Porém, a correção de questões dos exercícios no livro didático se torna o ponto de partida para rever os conteúdos anteriores com certa frequência. Segundo Lima (1996), o livro didático deveria contribuir no rendimento escolar ao menos para estimular o hábito da leitura, demonstrando a sua função de fonte de informação e consulta. De um modo geral, as escolas desrespeitam o livro e o torna descartável por conta da permanência das coleções adotadas a cada período em relação ao Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

Sem dúvida, acontece a falta de envolvimento dos alunos na apresentação dos conteúdos, tendo em vista que as gerações estão cada vez mais conectadas e acostumadas em obter informações visuais de forma instantânea através do uso da internet. É importante entender que os alunos somente possuem contato com os assuntos relacionados à Geografia durante as aulas. Ao final de cada aula, os livros didáticos e as atividades que não foram terminadas, são guardados no armário ou recolhidos. Lima (1996) ressalta que a aula pura e simplesmente expositiva acabou. Na atualidade, o professor tradicional é entendido pelo autor como um “anacronismo” porque não está inserido na realidade dos alunos por motivos de alienação ou devido à falta do aporte de recursos didáticos mais modernos.

A própria interdisciplinaridade da geografia com as demais disciplinas, segundo Milton Santos (2012) é atribuída por causa da natureza múltipla dos fenômenos geográficos estudados, o que, por um lado, poderia estimular a busca por novos saberes, acaba persuadindo os estudantes universitários a reproduzirem o saber acadêmico dos seus professores de geografia. “A geografia universitária desembocando quase unicamente na geografia escolar, vai deste modo moldá-la a sua imagem, abarrotá-la de conhecimentos ‘indispensáveis’, completá-la até a apoplexia” (BRABANT, 1989).

No processo de ensino-aprendizagem das aulas de Geografia em algumas situações observadas, a professora adaptou os recursos disponíveis. Por exemplo, pendurou o mapa sobre o quadro branco e escreveu anotações por cima com canetões e depois apagou com um pano. As marcações efetuadas sobre o mapa visaram realizar e destacar processos geoeconômicos, políticos e físicos, o que lembrou uma lousa digital. Além disso, é interessante

a maneira de realizar as revisões, ou seja, indicando conexões os assuntos anteriores (“de trás para frente”) com os que serão abordados na aula vigente.

Segundo Brabant (1989), a preocupação da Geografia escolar está em descrever ao contrário de buscar explicações; inventariar e classificar ao invés de analisar e interpretar. A passagem da demonstração à descrição também despolitiza a ação didática do professor, colocando, por exemplo, as fronteiras entre os países como um discurso nacionalista baseado somente nos aspectos físicos do relevo sem entender as lutas sociais envolvidas.

As ações que poderiam ser pensadas a partir dos pontos levantados destacam as melhorias nos recursos utilizados dos planos de aula. Faz-se necessária a criação de objetos de aprendizagem reutilizáveis. O melhor aproveitamento de *datashow* e o laboratório de informática, principalmente com as turmas do 8º e 9º ano, poderia facilitar a compreensão sobre fenômenos e suas incidências mundiais sob uma visão geolocalizada. Por conta do cotidiano atarefado, resultante da atuação em várias turmas, a organização e redação dos planos de aula acabam não sendo priorizados, porém, verifica-se que o professor tem compromisso e responsabilidade e de modo informal assume e repensa a sequência didática conforme o contexto apresentado em cada turma.

Os objetos de aprendizagem são recursos educacionais, em diversos formatos e linguagens (artesanais ou digitais), que tem por objetivo mediar e qualificar as experiências de aprendizagem. Apresenta capacidade de reutilização dos materiais, em diferentes contextos e nas mais diversas áreas do conhecimento. O planejamento de práticas pedagógicas para o uso de objetos de aprendizagem deve favorecer a colaboração, a cooperação, a autoria e a autonomia do aluno, precisa ser significativo com o contexto curricular. Para tanto, é interessante que sejam criadas situações-problema para iniciar uma relação de ensino-aprendizagem mais autônoma com os alunos.

A “Salaweb” da Secretaria de Estado da Educação (SED/SC) apresenta atualmente 1.564 objetos digitais de aprendizagem (ODAs) de geografia, como links para vídeos e jogos online, e apenas seis planos de aula indicados para a disciplina de Geografia. Ao passo que as salas de informática são normalmente deficitárias (quanto à internet e manutenção de equipamentos) nas escolas públicas estaduais, assim, é pouco viável ao professor conseguir realizar atividades teórico-práticas com os alunos utilizando os computadores. A utilização de um ODA, por ele mesmo, sem um contexto pedagógico bem pensado através de um plano de aula, serve apenas como um momento de distração fora da sala de aula e de uma vaga assimilação (pedagógica) por parte dos alunos.

3 A intervenção didática realizada

De um modo geral, os professores de escolas públicas realizam o planejamento guiando-se por temáticas através do acompanhamento dos capítulos contidos nos livros didáticos. Na referida escola vivenciada, o momento das aulas de Geografia com a turma do 6º ano matutino estava no *capítulo 2*, da obra de Magalhães *et al.*(2017), que aborda as formas de orientação da Terra, desde o movimento aparente do sol, a localização da lua e das estrelas. A professora explicou o tema por meio do globo terrestre e os alunos realizaram desenhos representativos. Restou explicitar melhor sobre o Sistema de Posicionamento Global (GPS), já que estava ao final do capítulo em apenas algumas linhas. As atividades contidas no final do capítulo (na página 67) não se relacionam diretamente com as partes anteriores: 1) o experimento da agulha imantada sobre uma rolha e bacia com água; 2) a parte

“diversificando linguagens” que propõe uma atividade em duplas de alunos misturando meios de orientação diferentes entre si (bússola, sol e GPS) por meio da procura de “gravuras” para depois “elaborar legendas”, o que poderia confundir os alunos (melhor seria simplificar a atividade na identificação apenas dos pontos cardeais e colaterais). Diante dessa situação, o plano de aula para a regência de estágio procurou tratar as ausências e excessos ao grau de aprendizagem dos alunos.

Quando se desenvolvem atividades sobre os pontos de orientação, é preciso a observação da natureza e a referência no próprio corpo do aluno para indicar as direções esquerda, direita, à frente e atrás. Para buscar a análise do objeto quanto à sua espacialidade, especialmente na cartografia escolar, Hannoun (1977 *apud* Almeida, 1989) considera as categorias: interioridade (uma área inserida dentro da outra), exterioridade (uma área externa a outra), delimitação (ideia de “extremidade”, “periferia”, “ao longo de”, “ao redor de”), intersecção (uma parte da área é comum a ambas as áreas) e continuidade (quando as áreas são tangenciais ou limítrofes). Tais categorias levam às categorias de distância, trabalhando a noção de proximidade e distanciamento a partir da concepção de distâncias e intervalos do qualitativo (perto, longe) para o quantitativo (ordem de medidas). Para tanto, o professor deve conduzir o aluno a estabelecer um ponto de referência e depois uma unidade métrica.

A intervenção didática aconteceu com a regência de duas aulas (45 minutos cada). O plano de aula pretendia partir do concreto ao abstrato para explicar sobre as dimensões que envolvem o funcionamento de um GPS. No início da aula, foram testados três equipamentos de *datashow*, fornecidos pelo Ministério da Educação. Somente o terceiro aparelho conseguiu abrir o arquivo (formato *power point*) e o vídeo (formato *mp4*). Com isso, foi alterada a sequência didática iniciando a aula de maneira dialogada a partir de questões iniciais à classe: “Você já usou ou viu sendo usado um GPS? Sabe como funciona?” Assim, sem imagens para mostrar, foi fundamental a memória visual dos alunos. Mais uma pergunta: “Sabe como acontece a localização dos lugares?” Daí foi explicada a diferença do norte magnético (bússola) e norte geográfico (GPS), dizendo que pela bússola é como se a Terra fosse uma grande pilha e o norte indica o positivo; com o GPS o norte tem uma diferença de 11,5º porque a Terra gira em torno de si mesma de maneira inclinada. Para tanto, foi necessário desenhar uma esfera e representar o eixo de rotação do planeta indicando as duas referências de direção.

O experimento da agulha imantada sobre uma rolha boiando num recipiente com água foi significativo para frisar o que vem a ser o norte magnético. Os alunos se colocaram todos de pé envoltos da mesa para observar de perto e quiseram pegar na bússola para conferir a agulha se direcionando ao norte. De volta aos lugares, o retorno da atenção para o GPS relacionando com o norte geográfico. Um novo desenho da esfera foi elaborado agora com paralelos, meridianos e pontuando onde se cruzam. Lembrou-se que a Terra está toda demarcada com essas linhas imaginárias, adentrando na primeira noção sobre coordenadas geográficas. Assim, havia subsídios para falar sobre a trilateração de quatro satélites (ao desenhar os satélites e a intersecção do raio de sinal), o cruzamento da informação em 300.000 Km/s (receptor – satélite – controle) e a importância de localizar os lugares dessa

forma. A linguagem das coordenadas geográficas (graus, minutos e segundos) foi explicada como se fosse um “endereço” único de um determinado ponto do planeta. Para a aula seguinte, foi reservado o aprofundamento da explicação quanto à razão dos sinais e siglas das direções também contidas nas coordenadas geográficas.

Com o *datashow* funcionando corretamente, foi possível exibir o *power point* contendo imagens e um GIF com o eixo de rotação da Terra em relação à projeção do Sol, revisando as explicações e ouvindo as impressões dos alunos por cerca de vinte minutos. Em seguida, a exibição do vídeo sobre GPS indicado para adolescentes, de Rodrigues e Costa (201-), com duração aproximada de dez minutos. O vídeo é interdisciplinar com a Matemática, por isso foi necessário retomar com a turma os pontos importantes para a Geografia. A proposta de atividade foi realizada afixando no quadro branco uma imagem aérea (do *google maps*) em folha A2 colada em uma cartolina preta a qual mostra a escola e arredores, que chamou bastante a atenção deles. Muitos desconheciam alguma ferramenta *online* que possa reproduzir imagens reais obtidas de satélite. Levantaram-se para vê-la. A segunda parte da atividade consistia em percorrer a pé com os alunos para aferir com o GPS de um *app* do celular, alguns pontos de locais próximos (a padaria, a entrada da escola e o posto de saúde). Não foi possível ir a pé até os locais para aferir com o GPS, pois não daria tempo devido ao contratempo do *datashow*. No quadro branco, anotaram-se ao lado da imagem as coordenadas geográficas correspondentes e foi solicitada a realização de um desenho no caderno com a reprodução das ruas e prédios para estabelecer os pontos das respectivas coordenadas geográficas. A maior parte da turma realizou a atividade.

A abordagem sobre o GPS permite entender como se consegue localizar a representação da realidade nas imagens de satélite sobrepostas em mapas digitais. É, portanto, através do funcionamento do GPS que se pode começar a trazer aos alunos a importância das tecnologias da informação aliadas aos mapas. Os mapas escolares acabam sendo compreendidos na constatação do significado das suas linhas imaginárias, a malha invisível das latitudes e longitudes. O objetivo da Geografia escolar não é tão somente a leitura de mapas, mas é necessário que os alunos se apropriem das informações contidas nos mapas para elaboração de explicações em vários recortes espaciais.

De acordo com Almeida (1989), as noções de espaço quando incluem o prédio escolar denotam “inclusão”, ou seja, o espaço da escola dentro de um espaço maior (o bairro) e também o espaço topológico com a identificação dos vizinhos e não vizinhos da escola. Os alunos passam a comentar sobre o cotidiano do bairro, estabelecendo relações com o lugar. Este tipo de observação dos arredores da escola abre caminho para falar sobre as atividades econômicas, as fachadas das casas, a proximidade com a natureza (árvores, rio, praia, floresta), as condições do calçamento da estrada, pontos de ônibus, praça, a coleta de lixo, entre outros. O papel do professor de Geografia está em articular a observação concreta da realidade vivida pelos alunos com os outros contextos trazidos pelos conteúdos das aulas.

Considerações Finais

As atividades desenvolvidas no campo de estágio permitiram compreender que em determinadas escolas estaduais catarinenses se assenta uma distância entre o discurso político-administrativo e a efetividade das ações na distribuição de recursos a serem destinados a cada unidade de ensino. Este aspecto é um dos responsáveis pelo atraso do Ensino Fundamental II nas notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) na maior parte do Brasil, já que torna inacessível aos alunos das escolas públicas as ferramentas tecnológicas para alcançar o conhecimento, assim, distanciando alunos e educadores de novos assuntos e relações didáticas que deveriam ser necessários à construção de um currículo renovado.

Através das observações, levantam-se como pontos-chave visando à melhoria na qualidade do ensino:

- Alunos querem entender experimentos, ver, tocar e testar objetos;
- Aprendizagem mais significativa utilizando entorno da escola (saídas da sala);
- Imagens com dimensões do real devem ser mais utilizadas;
- Importante “instrumentalizar” os alunos, ou seja, promover condições para que aprendam novas habilidades para aplicar e interpretar a sua realidade;
- Objetos de aprendizagem poderiam fazer parte de quase todas as aulas;
- A Secretaria de Estado da Educação/SC não subsidia melhorias suficientes dos planos de aula de Geografia na “Salaweb”;
- As salas de informática precisam estar em funcionamento nas escolas estaduais.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Rosângela D. de. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.

BRABANT, Jean-Michel. Crise da geografia, crise da escola. *In*: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de (org). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989. p. 15-23.

IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Estimativa da População 2019**. Santo Amaro da Imperatriz. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2019/estimativa_dou_2019.pdf%20Acesso%20em:%2026%20nov%202020.

IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Santa Catarina. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=42&dados=8>. Acesso em: 29 maio 2020.

LIMA, Lauro de O. **Para que servem as escolas?** Petrópolis: Vozes, 1996.

MAGALHÃES, Cláudia; SOURIENT, Lilian; GONÇALVES, Marcos; RUDEK, Roseni. **Geografia 6**. Projeto Apoeia. São Paulo: Ed. do Brasil, 2017.

PEREIRA, Raquel M. F. do A. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

RODRIGUES, Claudina I.; COSTA, Sueli I. R. **As aventuras do Geodetive**. GPS. Episódio 6. Projeto m3. Matemática Multimídia. Campinas, Unicamp, 201[-]: 10min.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Salaweb**. Disponível em: https://salaweb.sed.sc.gov.br/busca?q=*&oda_type=oda. Acesso em: 5 nov. 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

STEFANELLO, Ana C. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia**. Curitiba: Intersaberes, 2012.